



A REFORMA TERESIANA EM PORTUGAL

CONGRESSO
INTERNACIONAL

ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS

«A REFORMA TERESIANA EM PORTUGAL»

CONGRESSO INTERNACIONAL

2015

No V Centenário do Nascimento de Santa Teresa de Jesus – 1515-2015

TÍTULO

«A Reforma Teresiana em Portugal» - Congresso Internacional, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Joaquim Teixeira, ocd

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Carlos Margaça Veiga, Univ. Lisboa; Gianpaolo Romanato, Univ. Pádua; † Jeremias Carlos Vechina, ocd; Joaquim Teixeira, ocd; José Carlos Vechina, ocd; Nair Soares de Castro, Univ. Coimbra; Sandra Molina, Univ. Ribeirão Preto; Solange Araújo, Univ. Federal da Bahia; Virgolino Jorge, Univ. Évora e Vitor Serrão, Univ. Lisboa

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO

José João Loureiro

PAGINAÇÃO & DESIGN

Pedro Tavares, ocds e Renato Pereira, ocd

IMAGEM DA CAPA

Santa Teresa de Jesus, Fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços
Autor desconhecido, escola portuguesa, óleo sobre tela, 2ª metade do séc. XVIII,
Museu Diocesano de Santarém, foto João Nunes da Silva.

EDIÇÃO

Edições Carmelo
Convento de Avesadas, Apartado 141
4630-909 Marco de Canaveses, Portugal
editorial@carmelo.pt

ANO: 2017

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-972-640-156-8

© Autores e Edições Carmelo.

Os artigos, imagens e norma ortográfica utilizada são da responsabilidade dos autores.

APOIOS



EMBAIXADA DE
ESPANHA
EM PORTUGAL



ACADEMIA
PORTUGUESA DA
HISTÓRIA



CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉVORA



ÍNDICE

EMISSÃO FILATÉLICA COMEMORATIVA DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTA TERESA DE JESUS.....	7
COMISSÕES.....	15
PROGRAMA DO CONGRESSO.....	17
JOSÉ JOÃO LOUREIRO	
CRONOLOGIA DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL (1581 - 2016).....	23
JOAQUIM TEIXEIRA, ocd	
INTRODUÇÃO	31
EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA DO PE JEREMIAS CARLOS VECHINA	35
JEREMIAS VECHINA, ocd	
CARISMA DO CARMELO TERESIANO	37
PAULA ALMEIDA MENDES	
«ESPELHOS» DE SANTA TERESA DE JESUS. A ESCRITA, A TRADUÇÃO E A LEITURA DAS «VIDAS» TERESIANAS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVII-XVII)	71
JOSÉ FILIPE P. M. SILVA	
DE AMOR E DE DOR: UMA ANÁLISE TEO-FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE SANTA TERESA E SEUS ENSINAMENTOS PARA A CRISTANDADE CONTEMPORÂNEA	81
JOANA SERRADO	
SEQUEDADES EM TERESA DE JESUS E SUA DISCÍPULA PORTUGUESA, JOANA DE JESUS	89
LUIS JAVIER FERNÁNDEZ FRONTELA, ocd	
EL CARMELO DESCALZO DEL CARISMA A LA INSTITUCIONALIZACIÓN.....	97
CARLOS MARGAÇA VEIGA	
A ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS: MOLDAGEM À REALIDADE PORTUGUESA.....	127
LEONOR CALVÃO BORGES E MARIA DE LOURDES CALVÃO BORGES	
A COMUNIDADE DO CONVENTO DOS CARDAES DE LISBOA: ESTUDO PROSOPOGRÁFICO	141

ARTUR VILLARES

CARMELITAS E TERESIANAS EM PORTUGAL ENTRE A MONARQUIA E A REPÚBLICA..... 157

SOLANGE ARAÚJO

CONVENTO DE SANTA TERESA DE ÁVILA EM SALVADOR – INSERÇÃO, TIPOMORFOLOGIA
E PATRIMÓNIO..... 167

MIGUEL PORTELA

UMA ARQUITECTURA PARA A ORAÇÃO: OS CLAUSTROS DOS CONVENTOS DOS
CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVI-XVII) 183

TERESA DE CAMPOS COELHO

O ARQUITECTO JOÃO NUNES TINOCO (C. 1616-1690) E A SUA ACTIVIDADE JUNTO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS..... 201

MARIA DO CÉU TERENO, MARÍZIA PEREIRA E ANTÓNIO TERENO

HIDRÁULICA DE CONVENTOS CARMELITAS DESCALÇOS EM ÉVORA: CONVENTO
DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E CONVENTO DE SÃO JOSÉ DA ESPERAÇA..... 213

JOÃO PEDRO MONTEIRO

O FRONTAL DE ALTAR CARMELITA NO CONTEXTO DA AZULEJARIA PORTUGUESA
DO SÉC. XVII 231

CELSO MANGUCCI, CÁTIA RELVAS, MARGARIDA NUNES,
ANTÓNIO CANDEIAS, JOSÉ MIRÃO E TERESA FERREIRA

ANÁLISE DE PASTAS CERÂMICAS E VIDRADAS DOS AZULEJOS DO FRONTAL DE ALTAR
DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE ÉVORA 249

LÚCIA MARINHO

SANTA TERESA DE JESUS NA AZULEJARIA PORTUGUESA..... 263

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

CULTURA E CIÊNCIA: FORMAÇÃO INTEGRAL E ESPIRITUALIDADE,
UM CAMINHO DE PERFEIÇÃO, NO SÉCULO XVI..... 279

NATÁLIA NUNES

O CASTELO INTERIOR DE SANTA TERESA DE ÁVILA E A CONFERÊNCIA DAS
AVES DE ATTAR: O MODELO DO CAMINHO ESPIRITUAL NA MÍSTICA SUFI E CRISTÃ 309

MARÍZIA PEREIRA, MARIA DO CÉU TERENO E ANTÓNIO TERENO

BOTICAS DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL - ESPÉCIES VEGETAIS
E FITOGEOGRAFIA 325

FILIPPE GONÇALVES TEIXEIRA

O DESERTO DO BUÇACO: PAISAGEM DO SAGRADO
A HERANÇA DOS CARMELITAS DESCALÇOS 345

GIANPAOLO ROMANATO

MISSIONI, ISTITUZIONI E CULTURE. ROMANIZZAZIONE E INTERNAZIONALIZZAZIONE
DELLA CHIESA CATTOLICA IN ETÀ CONTEMPORANEA 363

NUNO FALCÃO

AS CHAVES E A ESPADA: A MISSÃO NAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE
O REINO DO CONGO E A SANTA SÉ (1583-1607)..... 373

SANDRA MOLINA

A POLÍTICA DA COROA PORTUGUESA E DO IMPÉRIO DO BRASIL PARA AS ORDENS
RELIGIOSAS EM TERRAS BRASILEIRAS: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPULSÃO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS DE SALVADOR (1750-1839) 389

MARIA HELENA QUEIRÓS

D. FR. LUÍS DE SANTA TERESA: DE MODELO DE RELIGIOSO JACOBEO ÀS VICISSITUDES
DE UM REFORMADOR RIGORISTA EM OLINDA (PERNAMBUCO) 397

ISABEL BASTOS

ICONOGRAFIAS DE SANTA TERESA DE ÁVILA COMO ESPOSA MÍSTICA 411

ADALGISA ARANTES CAMPOS

REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE SANTA TERESA D'ÁVILA NO CONTEXTO
DAS MINAS DOS SÉCULOS XVIII A XIX, NO BRASIL 421

JOAQUIM TEIXEIRA, ocd

RESTAURAÇÃO DA PROVÍNCIA E ATUALIDADE: PORTAS ABERTAS PARA OUTRAS
LINHAS DE INVESTIGAÇÃO 441

CONTRIBUTOS

JOSÉ JOÃO LOUREIRO

AS ARMAS DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS (BREVE APONTAMENTO) 447

A MÃO DA SANTA MADRE TERESA DE JESUS 451

MARCO SOUSA SANTOS

A PROVÍNCIA CARMELITA DESCALÇA DE PORTUGAL NUM ATLAS DE 1739 459

CONTACTOS DOS AUTORES..... 471

BOTICAS DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL – ESPÉCIES VEGETAIS E FITOGEOGRAFIA

MARÍZIA M. D. PEREIRA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ANTÓNIO VITORINO SIMÕES TERENO

HISTORIADOR

Resumo:

Com os processos de extinção das casas religiosas, foram elaborados inventários com a finalidade de dar a conhecer todo o seu património. Dos bens inventariados no património móvel salienta-se o que se encontrava nas boticas, que eram espaços destinados à produção de medicamentos (vegetais ou não) para os religiosos e pessoas do exterior que necessitavam dos mesmos. No presente trabalho, pretende-se analisar a riqueza das drogas vegetais utilizadas na época e, para tal, recorreu-se aos registos de algumas casas religiosas pertencentes à Ordem dos Carmelitas Descalços. Do elenco vegetal obtido, identificaram-se os nomes científicos e as respetivas áreas fitogeográficas e atualizaram-se os antigos nomes para o atual uso corrente. A partir das áreas geográficas naturais dos espécimes vegetais, foi possível classifica-los por prováveis grupos de proveniências.

Palavras-chave: Ordem dos Carmelitas Descalços; boticas; plantas medicinais; fitogeografia.

Abstract:

With the processes of extinction of the religious houses, inventories were drawn up in order to make known all your assets. Goods inventoried in mobile heritage points to what is found in pharmacies, which were spaces for the production of medicines (plant or not) for religious and people from abroad who needed them. In this study, we intend to analyze the wealth of herbal drugs used back then and to this end we used the records of some religious houses belonging to the Order of Discalced Carmelites. The obtained vegetable cast, were identified scientific names and respective areas and updated phytogeographical up the old names to the current common use. From natural geographic areas of plant specimens, it was possible to classify them by probable origins groups.

Keywords: Ordem dos Carmelitas Descalços; boticas (*pharmacies*); *medicinal plants*; *phytogeography*.

1. Introdução

É provável que a “cura e a prevenção dos males do corpo” tenham tido início no Egito Antigo, como demonstrado no documento “Papiro de Edwin Smith”¹, datado de 1600 a.C. Trata-se de um livro (conjunto de papiros) de cirurgia que descreve com pormenores os exames, os diagnósticos, os tratamentos e os prognósticos de numerosas doenças (Ritner, 2011). Também no “Papiro de Ebers”², do século 1550 a.C., depositado na Universidade de Leipzig, embora com muitos feitiços e rezas de exorcismo de demónios causadores de doença, evidencia-se uma longa tradição empírica da prática e da observação (Scholl, 2002). Além das diversas técnicas de embalsamamento, os egípcios dominavam uma vasta farmacopeia que incluía o uso de ingredientes utilizados na mumificação e o conhecimento e aplicação de plantas medicinais africanas que atualmente são utilizadas mundialmente, como por exemplo as plantas erva-doce ou anis (*Pimpinella anisum* L.), mirra [*Commiphora myrrha* (Nees) Engl.], linho (*Linum usitatissimum* L.), cafezeiro (*Coffea arabica* L.), alho (*Allium* sp.), sene (*Cassia angustifolia* Vahl.), romã (*Punica granatum* L.), láudano (*Papaver somniferum* L.), entre outras.

De acordo com Barbosa & Lemos (2007), no período arcaico, os gregos tinham poucos conhecimentos sobre a anatomia e a fisiologia humana. Cuidavam dos doentes com práticas religiosas, acreditando que a doença e a saúde seriam da responsabilidade dos deuses, onde a energia vital estava presente no corpo humano, o qual era sustentado por alimento, bebida e ar. Posteriormente, passaram a acreditar que os elementos água, terra, fogo e ar, seriam responsáveis pelas características do organismo e que as suas variações quantitativas representavam o “equilíbrio” e o “desequilíbrio”, isto é, a saúde e a doença, respetivamente. Mais tarde, surgiu entre os filósofos gregos, a certeza de que a natureza humana não estava dependente dos deuses e que seria essencial o conhecimento da essência natural do Homem. Este pensamento médico-filosófico-naturalista foi praticado e difundido na Grécia dos séculos V e IV a.C. por médicos e discípulos de várias escolas, entre elas, a de Atenas.

No século VI a.C., Hipócrates (460-370 a.C.), considerado como o pai da medicina, deixou de parte a superstição dominante e desenvolveu métodos de cura através da observação e experiência. Nesta época, surgiu uma corrente com o desejo de saber sobre os poderes curativos das plantas. As principais obras botânicas incluíam, além da descrição dos usos medicinais, aspetos sobre fitogeografia, morfologia, fisiologia, nutrição, crescimento e reprodução das plantas. Nas suas poções entravam cerca de 250 a 263 plantas diferentes, entre as quais a pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) e o cardamomo [*Elettaria cardamomum* (L.) Maton]. Dos estudiosos de botânica destacou-se Teofrasto (371-287 a.C.), frequentemente designado como o pai da botânica, com duas obras principais: a *De Historia Plantarum* (Sobre a História das Plantas) e a *De causis plantarum* (Sobre as causas das plantas). A primeira é uma obra com 9 volumes, com a classificação biológica e a botânica agrícola – técnicas de agricultura e horticultura. Teofrasto descreveu com pormenor cerca de 500 plantas, incluindo narrações sobre o habitat e a distribuição fitogeográfica. A segunda obra, refere-se ao crescimento e reprodução das plantas, agrupando-as em árvores, arbustos e herbáceas, além de outras classificações, tais como as monocotiledóneas ou as dicotiledóneas.

A civilização romana adotou a medicina grega, na qual foram incluindo novas plantas medicinais provenientes das regiões que iam invadindo e integrando o império. Neste período sobressaíram dois estudiosos, Dioscórides (40-90 d.C.) e Galeno (131-200 d.C.). Por volta de 60 a.C., Dioscórides (40-90 d.C.), médico grego ao serviço do exército romano, realizou uma síntese completa da farmacologia da Grécia Antiga compilada em *Materia Medica*. Tratou-se de uma obra sobre plantas medicinais com extensa informação sobre a utilização e formas de atuação de 580 plantas medicinais conhecidas no mundo oriental e ocidental. Estes conhecimentos foram de importância decisiva para a medicina europeia até aos séculos XVII-XVIII (Liberato, 2008). Galeno, conhecido como pai da Farmácia (Lockie, 2000), foi profundamente influenciado pelos ensinamentos de Hipócrates e Dioscórides. Na

¹ Exposto na Academia de Medicina de Nova Iorque.

² Local onde se encontra.

obra *De methodo Medendi* (A Arte de Curar), faz referência a diversos assuntos, entre eles, as descrições das características e as composições dos medicamentos simples e compostos. Para realizar a atividade médica, desenvolveu a sua própria botica com ingredientes de origem mineral, animal e vegetal. Catalogou vários remédios, o modo de fabricação, a utilização em doses corretas e preparação em misturas complexas. Dessas preparações surgiu a conceção da “farmácia galénica” referente à ciência de preparar e associar os diferentes produtos medicinais. Uma dessas preparações, era conhecida como a “tríaca”, “teriaca” ou “teriaga” composta inicialmente por setenta ingredientes, que se acreditava ser uma espécie de antídoto universal para venenos (Largo & Sola, 1998). Esse remédio muito popular foi prescrito até o século XIX, provavelmente por conter láudano (*Papaver somniferum* L.).

De acordo com Liberato (2008), a desestruturação do Império Romano e o início da Idade Média (476 d.C.) conduziu ao esquecimento das línguas, grega e romana, ficando o latim como o elo de ligação entre os diferentes povos³. A Europa Ocidental perdeu o acesso aos tratados da Antiguidade Clássica, escritos em grego, permanecendo apenas com versões incompletas, traduzidas para latim. Neste período, houve um retrocesso na “arte de curar” caracterizado por escassos e lentos progressos científicos, onde a religião, ciência e a feitiçaria, tendiam a confundir-se. Extratos de plantas como o meimendo-negro (*Hyoscyamus niger* L.), a beladona (*Atropa belladonna* L.) e a mandrágora (*Mandragora autumnalis* L.), eram considerados de origem demoníaca. Por exemplo, Joana d’Arc (1412-1431) foi acusada de molestar os ingleses devido à magia da raiz de mandrágora que poderia estar escondida sob a armadura. A sociedade medieval gravitava em torno da religião católica, e quase toda a vida cultural passou para os domínios das ordens religiosas que se concentravam nos mosteiros e conventos. Nestas comunidades, os monges e os frades copiavam textos e faziam compilações, muitas vezes deturpadas da informação original, introduzindo, como inovação, as iluminuras e a escrita em latim (Liberato, 2008). Paralelamente, o estudo da medicina foi-se desenvolvendo no Império Romano do Oriente, composto por diversos povos, gregos, persas, egípcios e outros, que continuaram a ter acesso às fontes de conhecimento originais, principalmente na área da anatomia, das técnicas e do uso de instrumentos cirúrgicos. De forma natural, a cultura clássica passou de Bizâncio ao mundo muçulmano (Alexandria) (Liberato, 2008).

Na Civilização Árabe, desenvolveu-se um extraordinário movimento científico onde muitas obras gregas foram traduzidas. O médico árabe que veio a ter maior influência foi Abu Ali al-Husayan Abdallah ibn Sina ou Avicena (980-1037 d.C.). Era matemático, médico, astrónomo, naturalista, sendo um dos mais importantes sábios do Islão, de cultura grega e pensamento muçulmano, que nasceu em Bukhara (Uzbequistão) e morreu em Hamadã (Pérsia). Ao longo da vida, teve uma educação esmerada, que decorreu durante os períodos mais agitados da história da região, tendo trabalhado em diversas cortes como médico, ao mesmo tempo que escrevia sobre diferentes assuntos (metafísica, lógica, filosofia, teologia, medicina, astronomia, matemática, retórica e música). De cultura enciclopédica, estudou a fundo a medicina e filosofia e exerceu grande influência no pensamento ocidental⁴. No campo médico, Avicena contribui com o célebre al-Oanunfi al-tibb (Cânone de Medicina), que traduzido para latim se tornou a principal fonte da medicina medieval. Trata-se de uma obra metódica e coerente, seguida pelas medicinas bizantina, árabe, judaica e ocidental. O domínio árabe no comércio do oceano Índico e os caminhos das caravanas provenientes da Índia e da África possibilitou o acesso a muitas plantas indianas e africanas devido à habilidade nos negócios, tornando acessíveis as especiarias vindas de zonas isoladas da Ásia. No século IX, os comerciantes muçulmanos alcançam os postos costeiros da China e as essências da Ásia Oriental tais como a laranja [*Citrus sinensis* (L.) Osbeck.] e a cânfora [*Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl], entre outras foram introduzidas no mundo islâmico (Basso, 2004). Na Europa Ocidental, com a Expansão Árabe até à Península Ibérica,

³ Este facto conduziu a um progressivo alheamento das línguas clássicas, mantendo-se o conhecimento do latim, nos baluartes do saber, as abadias e mosteiros das diferentes ordens e na liturgia da Igreja católica. Foi através do latim que a cultura medieval susteve o elo de ligação entre os diferentes povos, com as suas próprias línguas romance, provenientes da romanização.

⁴ Escreveu uma obra vasta que foi traduzida e divulgada na segunda metade do século XII, o século das cruzadas que permitiu o contacto do Ocidente com a cultura do Oriente.

no século VIII, se introduziram muitos e novos conhecimentos médicos, comerciantes de drogas, especieiros (preparadores de medicamentos), boticários (vendedores de medicamentos) e físicos (médicos). Nesta época já existiam cerca de 4000 remédios, simples ou compostos, entre os quais predominavam partes de plantas. Eram referidas especiarias e drogas orientais para vários fins medicinais, como a canela [*Cinnamomum cassia* (Nees & T.Nees) J.Presl], a cânfora [*Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl.], a cubeba (*Piper cubeba* L. f.), a galanga [*Alpinia galanga* (L.) Sw.], o gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), a noz-moscada (*Myristica fragrans* Houtt.), a pimenta (*Piper nigrum* L.), o ruibarbo (*Rheum officinale* Baill.), o sândalo (*Santalum album* L.) e o tamarindo (*Tamarindus indica* L.), entre outros (Liberato, 2008).

No século XV, com a queda de Constantinopla às mãos dos otomano, em 1453, os grandes mestre bizantinos refugiam-se em Itália, ensinam grego aos humanistas do Quatrocento italiano, fomentando grande desenvolvimento nas ciências, com a aproximação aos valores e fontes da Antiguidade Clássica. Em muitos livros alterados pelas sucessivas cópias, foram feitas novas traduções e edições dos livros clássicos, a partir dos originais. A invenção da imprensa por Jhoannes Gutenberg (1398-1468), aproximadamente em 1436, contribuiu para a divulgação de obras de Dioscórides, Galeno e de muitos cientistas portugueses (Liberato, 2008).

Os descobrimentos portugueses e espanhóis facilitaram o que já foi designado por globalização das plantas. Chegado Vasco da Gama à Índia em 1498, data em que se inicia a Idade Moderna, muitos homens cultos lhe seguiram as pisadas, rumo ao Oriente. Entre eles, tornou-se conhecido o médico de Castelo de Vide, Garcia d'Orta, que escreveu a famosa obra *Colóquio dos simples e drogas* que divulgou no mundo ocidental muitas das espécies botânicas e suas propriedades terapêuticas. Através da Crónica de Fernão Lopes de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, traduzida para francês pelo mestre do Colégio das Artes, em Coimbra, Nicolas de Grouchy, muitas destas espécies botânicas são conhecidas em França pelo nome português.

Com o descobrimento do Brasil, num continente até então desconhecido, era imprescindível que os colonizadores tivessem conhecimento dos benefícios e malefícios dos componentes da flora americana, para mitigar as enfermidades do homem branco. Mais tarde, coincidindo com o retorno dos homens do mar e de alguns missionários, começaram a aparecer na Europa muitas plantas desconhecidas, com virtudes surpreendentes. Muitos dos colonizadores, por motivos vários, suportaram os efeitos de várias drogas: o efeito mortal das setas com curare (*Strychnos toxifera* Koehler); a casca de quina (*Cinchona calisaya* Wedd.) utilizada para baixar a temperatura das febres da malária e as virtudes anestésicas e estimulantes da folha de coca (*Erythroxylum coca* Lam.), entre outros. Do continente americano, especialmente do Brasil, chegaram à atualidade várias obras importantes nesta área. Destaca-se o trabalho desenvolvido pelo Padre Jesuíta José de Anchieta que integrou o segundo grupo de missionários que desembarcaram no Brasil em 1553. Segundo Liberato (2008), para desempenhar a sua missão evangelizadora, educadora e médica, o Padre Anchieta (1534-1597) teve de aprender a língua dos Índios Tupi, e conheceu as plantas medicinais utilizadas pelas tribos locais. Numa carta datada de 1560, apresenta uma relação sobre a matéria médica brasileira, onde descreve algumas plantas daquela região.

2. A Botica

A partir de documentação consultada sobre os inventários de extinção dos conventos/mosteiros da Ordem dos Carmelitas Descalços nomeados no Quadro 1, sete são masculinos e um feminino, em Évora (Quadro 1). Além das descrições dos conventos com todos os espaços regulares e os estados de conservação das mesmas, alguns fazem referência às boticas, com a inventariação dos utensílios utilizados na preparação de medicamentos e no caso particular do Convento de Nossa Senhora do Carmo, em Viana do Castelo, de uma listagem extensa de ingredientes minerais, animais e vegetais.

Quadro 1 – Conventos dos Carmelitas Descalços

Convento/Mosteiro	Localização
Nossa Senhora do Carmo	Braga
Nossa Senhora do Carmo	Figueiró dos Vinhos
Santa Teresa de Jesus	Setúbal
Nossa Senhora da Encarnação	Olhalvo
Nossa Senhora do Carmo	Porto
Nossa Senhora dos Remédios	Évora
Nossa Senhora da Piedade	Cascais
Nossa Senhora do Carmo	Viana do Castelo

No final do século X, apesar da existência de especieiros que vendiam drogas medicinais e especiarias nas feiras e nos mercados (Basso, 2004), surgiram nos conventos e mosteiros franceses e espanhóis, frades que desempenhavam simultaneamente o papel de físico (médico) e especieiro (apotecário), que tinham como função reconhecer os sintomas das doenças e as respetivas curas. Neste período, tinham que cultivar nas hortas as plantas medicinais que utilizavam na preparação de medicamentos.

Segundo Pita & Pereira (2008), nos séculos XVII e XVIII, os frades boticários dedicaram-se ao fabrico de medicamentos, ao estudo e à escrita farmacêutica baseada em investigação científica de acordo com as exigências da época. Surgiram as primeiras apotecas ou boticas, que eram os locais onde se produziam e distribuíam medicamentos para os frades, populações (Pita & Pereira, 2008) e peregrinos.

Estes estabelecimentos estavam bem organizados para o bom funcionamento da atividade. Integravam vários espaços (despensas, celeiros, ...) equipados com prateleiras, aparadores, armários, arcas, canastras, barricas, mesas, bancos e cadeiras. Os variados ingredientes necessários para a fabricação de medicamentos eram conservados em caixas de madeira, que foram mais tarde substituídas por potes de louça esmaltada e/ou porcelana. Gradualmente foram aparecendo nas boticas, frascos, garrafas, alambiques, funis, frascos doseadores, peneiras, prensas, tesouras, ... (Inventário de extinção das casas religiosas)⁵.

Não podemos pois, por uma questão de justiça, omitir o mérito que teve na sua época o trabalho pioneiro científico, no qual se preocupou em investigar a distribuição geográfica das plantas da flora⁶,

⁵ Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Braga (ca-PT-TT-MF-BRAGA-CX2201_c0001 a c0018). Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Figueiró dos Vinhos (ca-PT-TT-MF-FIGUEIRO-VINHOS-CX2216_c0001 a c0038). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento de Santa Teresa de Jesus – Setúbal (ca-PT-TT-MF-SETÚBAL-CX2252_c0001 a c0002). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora da Encarnação – Olhalvo (ca-PT-TT-MF-OLHAVO-CX2240_c0001). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Porto (ca-PT-TT-MF-PORTO_c0001 a c0010). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento de Nossa Senhora dos Remédios – Évora (ca-PT-TT-MF-EVORAL-CX2214_c0001 a c0012). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento de Nossa Senhora da Piedade – Cascais (ca-PT-TT-MF-CASCAIS-CX2204). Arquivo Nacional Torre do Tombo.
 Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Viana do Castelo (ca-PT-TT-MF-VIANA-MINHO-CX2259_c0001 a c0002). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

⁶ Há, ao longo da sua obra, vários exemplos da descrição dos terrenos e climas onde se desenvolvem determinadas espécies, as suas aplicações, benefícios e malefícios: «Do Silvão-Macho; sua descrição; e virtudes. He este Arbusto espécie de Roseira, lança varas espalhadas de huma cepa, que fórma junto sua raiz: tem estas espinhos agudos, e raros, as folhas á imitação das de Roseira, mais lisas, e alvadias, as flores brancas singelas, e como as





de uma forma sistemática. Frei Cristóvão dos Reis (1714?-?), Carmelita Descalço e, cumulativamente, farmacêutico-botânico e Administrador da Botica de N. Senhora do Carmo de Braga é tríplice figura de frade, de farmacêutico e de investigador (Silva, 1944: 278). Embora o seu trabalho não possa ser comparado com trabalhos atuais, com todas as limitações que a época e o espaço (Portugal) lhe impunham, muito notável foi o seu esforço, constituindo uma referência para o seu tempo. Conseguiu conciliar os seus deveres espirituais com a sua preocupação com o bem-estar do próximo. A sua vida dividiu-se entre Deus, a Botânica e o bem ao próximo, sendo como é natural, o Primeiro o mais importante de todos. Foi a sua crença de que muitos dos vegetais que vinham de fora, onerando os cofres do Reino, poderiam ser cá encontrados (Silva, 1944: 276). Foi um observador minucioso (Silva, 1944: 275), característica necessária a quem investiga cientificamente. O elogio que lhe é feito, outorgando-lhe um lugar de destaque no panorama internacional, caso tivesse nascido um século mais tarde, encontrando outras condições, e também outras fontes onde se apoiar, é-lhe tecido pelo autor do artigo do Jornal “Notícias Farmacêuticas”, J. Alves da Silva.

3. As Plantas Mediciniais

Com base em documentação consultada, nomeadamente nos inventários da extinção dos conventos e mosteiros da Ordem dos Carmelitas Descalços posterior a 1834, foi feita, numa primeira abordagem, um levantamento de espécies vegetais utilizadas na época. Na elaboração da listagem depararam-se com várias dificuldades, nomeadamente a nível da grafia manuscrita antiga dos documentos consultados, na atualização dos antigos nomes latinos científicos e nos usos desses espécimes. No quadro 2, a informação foi sistematizada de seguinte forma:

1. **Nome comum** – designação mais corrente atualmente.
2. **Nome latino** – nome científico da espécie atualizada.
3. **Família** – unidade sistemática e categoria taxonómica mais importante do reino vegetal.
4. **Origem** – área de proveniência geográfica da espécie.

















Quadro 2 – Algumas das Plantas Mediciniais das Boticas Carmelitas









NOME COMUM	NOME LATINO	FAMÍLIA	ORIGEM	EXEMPLAR
Absinto	<i>Artemisia absinthium</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Europeia	
Açafrão	<i>Crocus sativus</i> L.	<i>Iridaceae</i>	Pluriregional	
Açafrão-do-prado	<i>Colchicum autumnale</i> L.	<i>Liliaceae</i>	Europeia	
Açucena	<i>Lilium candidum</i> L.	<i>Liliaceae</i>	Pluriregional	













da Mosqueta brava : cahidas as flores, cria em seu calis hum botão comprido, verde no princípio, e depois de maduro, encarnado; tem este dentro humas sementes brancas alguma cousa esquinadas, e involtas em hum felpo branco, como cotão. Nasce sem cultura pelos Bosques frescos, Lugares incultos, húmidos, e junto das correntes de alguns Ribeiros. Chamão-lhe os Latinos *Rubus-Canis*, os Hespanhoes *Zarra-Perruna*, e *Escaramoyos*, e os Portuguezes em algumas Terras *Cinos-Bastos*, e *Silvão-Macho*. Os frutos desta Planta, assim mesmo maduros, e limpos do cotão, e semente, bem pizados, misturados Assucar, se faz Conserva, que ferve para refrigerio, e cura dos cursos. Os mesmos frutos, depois de limpos, e sêccos, se guardão para os mesmos effeitos cozidos em Vinho, e bebido seu Cozimento. A raiz deste Arbusto applicão alguns por Antidoto contra o Mal da Raiva: com ella, e *Primolaveris* se forma aquella Receita, de que falla Rego de Alveitaría, muito louvada para aquelle Mal. O pélllo, ou o cotão, que se acha dentro do fruto sêcco, e lançado no pesçoço, ou em outra qualquer parte do corpo, causa nelle tal prorito, que mais parece a mais fina Sarna; para se tirar este, he preciso esfregar o sitio com alguma cousa de lâ fina.» (Reis, 1779: 189-191).

















Agaloco	<i>Aquilaria malaccensis</i> Lamk.	<i>Euphorbiaceae</i>	Asiática	
Alçaçuz	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Pluriregional	
Alcaravia	<i>Carum carvi</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Pluriregional	
Alcatira	<i>Astragalus tragacantha</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Europeia	
Alcebram	<i>Euphorbia pithyusa</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	Europeia	
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Europeia	
Alembre/ moscatel	<i>Vitis vinifera</i> L.	<i>Vitaceae</i>	Asiática	
Alfarrobeira	<i>Ceratonia siliqua</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Europeia	
Alfazema	<i>Lavandula stoechas</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Europeia	
Alho	<i>Allium</i> sp.	<i>Liliaceae</i>	Pluriregional	
Almecega	<i>Pistacia lentiscus</i> L.	<i>Anacardiaceae</i>	Europeia	
Almíscar	<i>Malva moschata</i> L.	<i>Malvaceae</i>	Pluriregional	
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i> L.	<i>Malvaceae</i>	Europeia	
Ameixeira	<i>Prunus domestica</i> L.	<i>Rosaceae</i>	Asiática	
Amendoeira	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb.	<i>Rosaceae</i>	Asiática	
Amoreira	<i>Morus</i> sp.	<i>Moraceae</i>	Pluriregional	

















Angelica	<i>Angelica archangelica</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Pluriregional	
Angostura	<i>Angostura trifoliata</i> (Willd.) T.S. Elias	<i>Rutaceae</i>	Americana	
Anis / erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Asiática	
Anis-estrelado	<i>Illicium verum</i> Hook. f.	<i>Illiciaceae</i>	Asiática	
Aristolochia	<i>Aristolochia paucinervis</i> Pomel	<i>Aristolochiaceae</i>	Europeia	
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Europeia	
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	<i>Rutaceae</i>	Pluriregional	
Avenca	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	<i>Adiantaceae</i>	Pluriregional	
Azaro	<i>Asarum europaeum</i> L.	<i>Aristolochiaceae</i>	Europeia	
Azebre	<i>Aloes</i> sp.	<i>Asphodelaceae</i>	Pluriregional	
Begonia	<i>Begonia</i> sp.	<i>Begoniaceae</i>	Pluriregional	
Benjoeiro	<i>Styrax benzoin</i> Dryand.	<i>Styracaceae</i>	Asiática	
Bisnaga	<i>Ammi visnaga</i> (L.) Lam.	<i>Apiaceae</i>	Europeia	
Bistorta	<i>Polygonum bistorta</i> L.	<i>Polygonaceae</i>	Europeia	
Boragem	<i>Borago officinalis</i> L.	<i>Boraginaceae</i>	Pluriregional	
Brionia	<i>Bryonia cretica</i> Jacq.	<i>Cucurbitaceae</i>	Europeia	


Cacaueiro	<i>Theobroma cacao</i> L.	<i>Malvaceae</i>	Americana	
Cafézeiro	<i>Coffea arabica</i> L.	<i>Rubiaceae</i>	Africana	
Cálamo-aromático	<i>Acorus calamus</i> L.	<i>Acoraceae</i>	Asiática	
Calendula	<i>Calendula officinalis</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional	
Cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	<i>Poaceae</i>	Asiática	
Canafistola	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel	<i>Fabaceae</i>	Americana	
Caneleira	<i>Cinnamomum cassia</i> (Nees & T.Nees) J.Presl	<i>Lauraceae</i>	Asiática	
Cânfora	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl	<i>Lauraceae</i>	Asiática	
Caníço	<i>Phragmites</i> sp.	<i>Poaceae</i>	Pluriregional	
Cardamomo	<i>Elettaria cardamomum</i> (L.) Maton	<i>Zingiberaceae</i>	Asiática	
Cartamo	<i>Carthamus tinctorius</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional	
Carvalho	<i>Quercus</i> sp.	<i>Fagaceae</i>	Pluriregional	
Cascarrilha	<i>Croton eluteria</i> (L.) W.Wright	<i>Euphorbiaceae</i>	Americana	
Castanho	<i>Castanea sativa</i> Mill.	<i>Fagaceae</i>	Asiática	
Catacuzes	<i>Rumex crispus</i> L.	<i>Polygonaceae</i>	Europeia	
Cavalinha	<i>Equisetum</i> sp.	<i>Equisetaceae</i>	Pluriregional	











Cebola-albarrã	<i>Drimia maritima</i> (L.) Stearn	<i>Liliaceae</i>	Pluriregional	
Centáurea	<i>Centaurea cyanus</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional	
Cerejeira	<i>Prunus avium</i> L.	<i>Rosaceae</i>	Pluriregional	
Ginjeira	<i>Prunus cerasus</i> L.	<i>Rosaceae</i>	Asiática	
Cevadilha	<i>Nerium oleander</i> L.	<i>Apocynaceae</i>	Pluriregional	
Cevadinha-de-frança	<i>Hordeum</i> sp.	<i>Poaceae</i>	Pluriregional	
Chicoria	<i>Cichorium intybus</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional	
Cicuta	<i>Conium maculatum</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Pluriregional	
Cidra	<i>Citrus medica</i> L.	<i>Rutaceae</i>	Asiática	
Cinoglossa	<i>Cynoglossum officinale</i> L.	<i>Boraginaceae</i>	Pluriregional	
Coca	<i>Erythroxylum coca</i> Lam.	<i>Erythroxylaceae</i>	Americana	
Cocleária	<i>Cochlearia officinalis</i> L.	<i>Brassicaceae</i>	Europeia	
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Asiática	
Coloquintida	<i>Citrullus colocynthis</i> (L.) Schrad.	<i>Cucurbitaceae</i>	Africana	
Cominho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Asiática	
Esporas	<i>Consolida ajacis</i> (L.) Schur	<i>Ranunculaceae</i>	Pluriregional	

















Cravo-da-índia	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril & Perry	<i>Myrtaceae</i>	Asiática	
Cubebas	<i>Piper cubeba</i> L.f.	<i>Piperaceae</i>	Asiática	
Dedaleira	<i>Digitalis</i> sp.	<i>Scrophulariaceae</i>	Pluriregional	
Dormideira	<i>Mimosa pudica</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Americana	
Epitimo	<i>Cuscuta epithymum</i> (L.) L.	<i>Convolvulaceae</i>	Europeia	
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Europeia	
Erva-prata	<i>Paronychia argentea</i> Lam.	<i>Caryophyllaceae</i>	Europeia	
Escamónea	<i>Convolvulus scamonia</i> L.	<i>Convolvulaceae</i>	Europeia	
Estoraque	<i>Liquidambar orientalis</i> L.	<i>Altingiaceae</i>	Asiática	
Eufórbio	<i>Euphorbia resinifera</i> A. Berger	<i>Euphorbiaceae</i>	Africana	
Eufrasia	<i>Euphrasia officinalis</i> L.	<i>Orobanchaceae</i>	Pluriregional	
Eupatório	<i>Agrimonia eupatoria</i> L.	<i>Rosaceae</i>	Europeia	
Figueira-da-índia	<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	<i>Cactaceae</i>	Americana	
Flor-de-maio	<i>Schlumbergera truncata</i> (haw.) Moran	<i>Cactaceae</i>	Americana	
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Europeia	
Galanga	<i>Alpinia galanga</i> (L.) Sw.	<i>Zingiberaceae</i>	Asiática	






Genciana	<i>Gentiana sp.</i>	<i>Gentianaceae</i>	Pluriregional	
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	<i>Zingiberaceae</i>	Asiática	
Golfão	<i>Nymphaea alba</i> L.	<i>Nymphaeaceae</i>	Pluriregional	
Goma-arábica	<i>Vachellia seyal</i> (Del.) P.J.H.Hurter	<i>Fabaceae</i>	Africana	
Guaiacum	<i>Guajacum officinale</i> L.	<i>Zygophyllaceae</i>	Americana	
Heléboro	<i>Helleborus foetidus</i> L.	<i>Ranunculaceae</i>	Europeia	
Helébro-branco	<i>Veratrum album</i> L.	<i>Melanthiaceae</i>	Pluriregional	
Helébro-negro	<i>Helleborus niger</i> L.	<i>Ranunculaceae</i>	Europeia	
Hipericão	<i>Hypericum perforatum</i> L.	<i>Guttiferae</i>	Pluriregional	
Hermodactilo	<i>Iris tuberosus</i> L.	<i>Iridaceae</i>	Europeia	
Hissopo	<i>Hyssopus officinalis</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Pluriregional	
Hortelã-comum	<i>Mentha spicata</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Asiática	
Hortelã-pimenta	<i>Mentha x piperita</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Asiática	
Incenso	<i>Boswellia sacra</i> Flueck.	<i>Burseraceae</i>	Africana	
Ipecacuanha	<i>Carapichea ipecacuanha</i> (Brot.) L.Andersson	<i>Rubiaceae</i>	Americana	
Iris	<i>Iris foetidissima</i> L.	<i>Iridaceae</i>	Pluriregional	

Jacinto	<i>Hyacinthus sp.</i>	<i>Asparagaceae</i>	Pluriregional	
Jalapa	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urban	<i>Convolvulaceae</i>	Americana	
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck.	<i>Rutaceae</i>	Asiática	
Láudano	<i>Papaver somniferum</i> L.	<i>Papaveraceae</i>	Asiática	
Limoeiro	<i>Citrus × limon</i> (L.) Burm. f.	<i>Rutaceae</i>	Asiática	
Linho	<i>Linum usitatissimum</i> L.	<i>Linaceae</i>	Africana	
Lírio-florentino	<i>Iris florentina</i> L.	<i>Iridaceae</i>	Europeia	
Loureiro	<i>Laurus nobilis</i> L.	<i>Lauraceae</i>	Europeia	
Macieira	<i>Malus domestica</i> Mill.	<i>Rosaceae</i>	Asiática	
Malva	<i>Malva sp.</i>	<i>Malvaceae</i>	Pluriregional	
Maná	<i>Tamarix nilotica</i> (Ehrenb.) Bunge	<i>Tamaricaceae</i>	Asiática	
Mangabeira	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	<i>Apocynaceae</i>	Americana	
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Asiática	
Macela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	<i>Asteraceae</i>	Americana	
Margarida	<i>Bellis sp.</i>	<i>Asteraceae</i>	Europeia	
Marmeleiro	<i>Cydonia oblonga</i> Mill.	<i>Rosaceae</i>	Pluriregional	

Meliloto	<i>Melilotus sp.</i>	<i>Fabaceae</i>	Pluriregional	
Mercurial	<i>Mercurialis annua</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	Europeia	
Mesereão	<i>Daphne mezereum</i> L.	<i>Thymelaeaceae</i>	Pluriregional	
Mirabolano	<i>Terminalia chebula</i> Retz.	<i>Combretaceae</i>	Asiática	
Mirra	<i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl.	<i>Burseraceae</i>	Africana	
Mírris	<i>Myrrhis odorata</i> (L.) Scop.	<i>Apiaceae</i>	Europeia	
Molarinha / fumária	<i>Fumaria officinalis</i> L.	<i>Papaveraceae</i>	Europeia	
Mostarda- branca	<i>Sinapis alba</i> L.	<i>Brassicaceae</i>	Pluriregional	
Murta	<i>Myrtus communis</i> L.	<i>Myrtaceae</i>	Pluriregional	
Nabo	<i>Brassica rapa</i> L.	<i>Brassicaceae</i>	Asiática	
Nóz-moscada/ macis	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	<i>Myristicaceae</i>	Asiática	
Opopânace	<i>Opopanax chironium</i> (L.) W. D. J. Koch	<i>Apiaceae</i>	Pluriregional	
Palma	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	<i>Arecaceae</i>	Africana	
Pau-santo	<i>Bursera graveolens</i> Triana & Planch.	<i>Burseraceae</i>	Americana	
Peónia	<i>Paeonia sp.</i>	<i>Paeoniaceae</i>	Pluriregional	
Pepino-de-S. Gregório	<i>Ecballium elaterium</i> (L.) A. Rich.	<i>Cucurbitaceae</i>	Pluriregional	

Pessegueiro	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	<i>Rosaceae</i>	Asiática	
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	<i>Piperaceae</i>	Asiática	
Pimenta-da-jamaica	<i>Pimenta dioica</i> (L.) Merr.	<i>Myrtaceae</i>	Americana	
Pimenta-longa	<i>Piper longum</i> L.	<i>Piperaceae</i>	Asiática	
Pinheiro	<i>Pinus</i> sp.	<i>Pinaceae</i>	Pluriregional	
Poligala	<i>Polygala</i> sp.	<i>Polygalaceae</i>	Europeia	
Polipodio	<i>Polypodium vulgare</i> L.	<i>Polypodiaceae</i>	Pluriregional	
Quina	<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	<i>Rubiaceae</i>	Americana	
Rícino	<i>Ricinus communis</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	Pluriregional	
Romanzeira	<i>Punica granatum</i> L.	<i>Lythraceae</i>	Asiática	
Roseira	<i>Rosa</i> sp.	<i>Rosaceae</i>	Pluriregional	
Rosmaninho	<i>Lavandula stoechas</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Europeia	
Ruibarbo	<i>Rheum rhaponticum</i> Baill.	<i>Polygonaceae</i>	Asiática	
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	<i>Caprifoliaceae</i>	Pluriregional	
Sagapeno	<i>Ferula communis</i> L.	<i>Apiaceae</i>	Europeia	
Salsa	<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm.	<i>Apiaceae</i>	Pluriregional	

Salsaparrilha	<i>Smilax aspera</i> L.	<i>Smilacaceae</i>	Pluriregional	
Salva-das-boticas	<i>Salvia officinalis</i> L.	<i>Lamiaceae</i>	Europeia	
Sândalo	<i>Santalum album</i> L.	<i>Santalaceae</i>	Asiática	
Sândalo-vermelho	<i>Pterocarpus santalinum</i> L.f.	<i>Santalaceae</i>	Asiática	
Sangue-de-drago	<i>Dracaena draco</i> (L.) L.	<i>Ruscaceae</i>	Macaronésica	
Sarcocola	<i>Astragalus sarcocola</i> Dymock	<i>Fabaceae</i>	Asiática	
Sene	<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	<i>Fabaceae</i>	Africana	
Serpentaria	<i>Dracunculus vulgaris</i> Schott	<i>Araceae</i>	Europeia	
Tabaco	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	<i>Solanaceae</i>	Pluriregional	
Tamarindeiro	<i>Tamarindus indica</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Africana	
Tanaceto	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional	
Tanchagem	<i>Plantago major</i> L.	<i>Plantaginaceae</i>	Europeia	
Tília	<i>Tilia cordata</i> Mill.	<i>Tiliaceae</i>	Pluriregional	
Uva-ursina	<i>Arctostaphylos uva-ursi</i> (L.) Spreng.	<i>Ericaceae</i>	Pluriregional	
Valeriana	<i>Valeriana officinalis</i> L.	<i>Valerianaceae</i>	Pluriregional	
Viola	<i>Convolvulus purpureus</i> L.	<i>Convolvulaceae</i>	Americana	

Viola branca	<i>Viola alba</i> Besser	<i>Violaceae</i>	Pluriregional	
Violeta	<i>Viola odorata</i> L.	<i>Violaceae</i>	Pluriregional	
Vulnerária	<i>Anthyllis vulneraria</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Europeia	
Zargatoa	<i>Plantago psyllium</i> L.	<i>Plantaginaceae</i>	Pluriregional	
Zimbro	<i>Juniperus communis</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	Pluriregional	

4. Conclusão

Tendo em conta a documentação consultada sobre a extinção dos conventos e mosteiros da Ordem dos Carmelitas Descalços posterior a 1834, obteve-se um elenco florístico composto por 169 espécies diferentes, distribuídas por 77 famílias.

Na caracterização fitogeográfica aplicou-se a metodologia de Fournier (1977), na qual as espécies vegetais identificadas por áreas geográficas poderão ser classificadas por prováveis grupos de proveniências. A partir da grande diversidade de áreas identificadas reuniu-se em cinco grupos principais: europeias (Europa do norte e centro, região mediterrânica), africanas (Egito, Síria, deserto do Saara), americanas (Brasil, Venezuela, Argentina), asiáticas (Península Arábica, Turquia, Índia, Vietname, China) e pluriregionais (continentes americano, europeu e asiático). Na análise dos valores dos grupos verificou-se que existe uma predominância de espécies pluriregionais (36%), europeias e asiáticas (24%). As espécies americanas e africanas contribuíram com 10% e 6% de presenças respetivamente.

Por último é importante referir que houve dificuldade na interpretação de alguns nomes de plantas na grafia manuscrita antiga dos documentos consultados, o que limitou a identificação correta do nome comum da espécie e a atualização dos nomes latinos científicos. Se estes obstáculos tivessem sido ultrapassados, o elenco florístico apresentado teria mais contingentes.

5. Bibliografia

Barbosa, DF & Lemos, PCP. 2007. *A medicina na Grécia antiga*. Rev Med (São Paulo). Abr.-jun. 86(2): 117-9.

Basso, P. 2004. *A Farmácia e o Medicamento*. Uma História Concisa. Lisboa: Clube do Colecionador dos correios / CTT Correios de Portugal.

Fournier, P. 1977. *Les Quatres Flores de France*. Paris: Ed. Paul Lechevalier.

Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Braga (ca-PT-TT-MF-BRAGA- CX2201_c0001 a c0018). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Figueiró dos Vinhos (ca-PT-TT-MF-FIGUEIRO-VINHOS- CX2216_c0001 a c0038). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento de Santa Teresa de Jesus – Setúbal (ca-PT-TT-MF-SETÚBAL- CX2252_c0001 a c0002). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora da Encarnação – Olhalvo (ca-PT-TT-MF-OLHAVO- CX2240_c0001). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Porto (ca-PT-TT-MF-PORTO_c0001 a c0010). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento de Nossa Senhora dos Remédios – Évora (ca-PT-TT-MF-EVORAL- CX2214_c0001 a c0012). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento de Nossa Senhora da Piedade – Cascais (ca-PT-TT-MF-CASCAIS- CX2204). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Inventário da extinção do Convento da Nossa Senhora do Carmo – Viana do Castelo (ca-PT-TT-MF-VIANA-MINHO- CX2259_c0001 a c0002). Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Largo, R & Sola, F. 1998. *Ervas e Plantas curativas*. Lisboa, Editorial notícias.

Liberato, M. 2008. *O saber português dos trópicos na evolução do conhecimento das plantas medicinais*. Instituto de Investigação Científica tropical.

Lockie, A. 2000. *Enciclopédia de Homeopatia - Guia prático: de remédios homeopáticos*. Porto: Libreria Civilização Editora.

Pita, JR & Pereira, AL. 2008. *Botica, farmacopeia conventual e farmácia. A Pharmacoepa Lusitana de D. Caetano de Santo António (1704)*, In *Actas do II Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*, pp. 95-107.

Pita, JR & Pereira, AL. 2012. *A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro)*. Ágora. Estudos Clássicos em Debate 14.1: 227-268.

Reis, Cristovão dos, O.C.D., 1714?-?, 1779. *Reflexões experimentaes methodico-botanicas: muito uteis, e necessarias para os professores de medicina, e enfermos... / seu author ...* Fr. Christovão dos Reis. Lisboa: na Regia Officina Typografica, 352 pp.

Scholl, R. 2002. *Der Papyrus Ebers: die größte Buchrolle zur Heilkunde Altägyptens*. Univ.-Bibliothek, Leipzig.

Silva, J. Alves da, *Jornal “Notícias Farmacêuticas”, 1944, Ano X, p. 265-282.*

Tormo Molina, R. 2015. *Historia de la Botánica*. La antigüedad clásica. Lecciones hipertextuales de Botánica. Universidad de Extremadura. Disponível em: acesso em: 25/07/2015.

Ritner, RK. 2001. “Medicine” *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt* (2001). Oxford Reference Online. Web. Oct. 2011. Disponível em: acesso em: 25/07/2015.

5.1. Fonte das fotos

<http://www.photomazza.com>, <http://lambley.com.au>, <http://news.s3.amazonaws.com>, <http://farm2.static.com>, <http://www.biolib.cz>, <http://img07.deviantart.net>, <http://plant-alchemy.com>, <http://upload.wikimedia.org>, <http://40.media.tumblr.com>, <http://www.gardensonline.com.au>, <http://www.uv.es>, <http://www.aphotoflora.com>, <http://cdn.hauschka.com>, <http://apps.rhs.org.uk>, <http://lh3.googleusercontent.com>, <http://www.la-palma-tourismus.com>, <http://plants.usda.gov>, <http://orienteocidente.files.wordpress.com>, <http://gernot-katzers-spice-pages.com>, <http://ep.yimg.com>, <http://wwwhorsedvm.com>, <http://www.spicesmedicinalherbs.com>, <http://images.whiteflowerfarm.com>, <http://s.yimg.com>, <http://www.tudosobreplantas.com.br>, <http://loghouseplants.com>, <http://www.botanical-online.com>, <http://s3-us-west-2.amazonaws.com>, <http://florawww.eeb.uconn.edu>, <http://www.thismia.com>, <http://wrc.net>, <http://www.kartuz.com>, <http://www.floristtaxonomy.com>, <http://sydneyweeds.org.au>, <http://www.asapaquatics.com>, <http://www.colorfulnatue.com>, <http://gallery.nen.gov.uk>, <http://www.hydrotip.de>, <http://www.lamarihuana.com>, <http://domodama.files.wordpress.com>, <http://www.aphotoflora.com>, <http://www.gardenworldimages.com>, <http://c2.staticflickr.com>, <http://www.images-flore-douarnenez.net>, <http://spicesmedicinalherbs.com>, <http://www.floralencounters.com>, <http://images.floridata.com>, <http://cl.staticflickr.com>, <http://www.tanaman-herbal.com>, <http://warehouse1.indicia.org.uk>, <http://opendata.keystone-foundation.org>, <http://erick.dronnet.free.fr>, <http://luirig.altervista.org>, <http://commons.hortipedia.com>, <http://www.public.asu.edu>, <http://www.truthinaging.com>, <http://tropical.theferns.info>, <http://dravyagunatvpm.files.wordpress.com>, <http://images.summitpost.org>, <http://plants.usda.gov>, <http://www.virboga.de>, <http://www.vanengelem.com>, <http://www.nic.funet.fi>, <http://ketenewplymouth.peoplesnetworknz.info>, <http://gallery.hd.org.com>, <http://www.sunshine-seeds.de>, <http://bioweb.uwlax.edu>, <http://static.tree-nation.com>, <http://www.maltawildplants.com>, <http://www.tiuli.com>, <http://www.vasilakos.gr>, <http://www.ufrgs.br>, <http://www.meditflora.com>, <http://www.medicinescomplete.com>, <http://www.actaplantarum.org>, <http://www.pfaf.org>, <http://www.fungoceva.it>, <http://checklists.datazone.darwinfoundation.org>,